

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PSICOLOGIA**

ISABEL FERREIRA

**RESISTÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA:
Narrativas e memórias de mulheres lésbicas na velhice**

Porto Alegre

2021

ISABEL FERREIRA

**RESISTÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE EXISTÊNCIA:
Narrativas e memórias de mulheres lésbicas na velhice**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia, pelo Curso de Psicologia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Knijnik

Porto Alegre

2021

Às lésbicas.

AGRADECIMENTOS

you não precisa que ninguém te ensine a voar
está no seu espírito
mas é bom ter quem nos lembre
de que temos asas
(Ryane Leão, 2017)

Não há maneira possível de iniciar esta fala, que não seja agradecendo a minha grande amiga e irmã de coração Fernanda. Ela esteve comigo não apenas no percurso inteiro deste trabalho, mas na minha trajetória pessoal para me compreender uma mulher lésbica. Fernanda foi a primeira pessoa que escutou minha voz dizendo “eu sou lésbica”, e foi com ela que devaneei sobre a escolha da temática deste trabalho. Como sempre em nossa amizade, Fernanda foi continente, presente e me acompanhou em cada parte e detalhe da produção desta escrita. Agradeço por todas as muitas horas em que sentou ao meu lado para me manter focada na produção, por não apenas me ouvir, mas se engajar e contribuir ativamente com as discussões e questionamentos que este trabalho suscitava em mim. Sem dúvidas, este trabalho não haveria acontecido, pelo menos não desta forma, sem sua companhia e contribuição. Sou grata por tê-la como inspiração e referência de mulher lésbica e psicóloga. Agradeço a Fernanda por acreditar em mim e especialmente por me enxergar, e desta forma, possibilitar que eu me enxergasse.

Agradeço a Maria Gabriela, amiga e “hermana loba”, que divide muito mais do que a casa comigo. Agradeço o incentivo, acolhimento, paciência com meus esquecimentos durante a produção inesgotável deste trabalho. Agradeço por me escutar e ler, por sentar ao meu lado durante as escritas e por todas as canecas de chá. Por me lembrar da necessidade de pausar e abrir espaços para respiros e descanso.

Agradeço a Vanessa, namorada e companheira, que cruzou meu caminho em meio a trajetória da produção deste trabalho e ainda assim se tornou parte tão presente neste caminhar. Agradeço o apoio, a escuta e leitura de cada parágrafo conquistado, o carinho, o partilhar da rotina, as ajudas da vida prática. Sou grata pelas risadas que aliviavam os longos dias de trabalho, os abraços que acolhiam meu corpo cansado, por me lembrar de apreciar o céu e de acarinhar os gatos.

Agradeço por construir comigo um amor leve e potente, por tornar minha vida mais doce.

Agradeço a Raphaela, amiga e inspiração na pesquisa por e sobre mulheres lésbicas, que também entrou em minha vida no meio da produção deste trabalho e já se fez parte importante. Agradeço pelas indicações de literatura, por me ajudar a elaborar afetos e transformá-los nesta escrita. Por se fazer continência na reta final deste trabalho, atenta a cada pedido de ajuda.

A essas quatro mulheres citadas, agradeço por terem me mantido alimentada, hidratada, motivada e focada (dentro do que era possível para minha mente dispersa e agitada) durante a produção desta escrita. Elas foram sinônimo de cuidado e borda, e por isso lhes agradeço afetuosamente.

Agradeço ao grupo Raba, composto pela Dandara, Fernanda, Isabella, Larissa Gasparin, Larissa Neubarth, Paula, Raphaela e Rhaná, por me ensinarem a potência que é reunir mulheres que se apoiam. Mulheres e psicólogas que me inspiraram durante toda esta caminhada.

Agradeço ao grupo Contação, composto pela Amanda, Ana Júlia, Fernanda e Karoline, que em nossos encontros contribuía poeticamente para minha escrita. Agradeço por ouvirem os desabafos de uma escritora cansada, e por me inspirarem a escrever. Agradeço pela ajuda na árdua divulgação da pesquisa, especialmente a Ana Júlia, que foi uma ponte importante no acesso às participantes.

Agradeço a minha amiga Liz, que ao ajudar na divulgação da pesquisa, me colocou em contato com a primeira participante. E agradeço a professora Laura, que além de me apoiar e incentivar, indicou algumas participantes para a pesquisa. Agradeço a todas as amigas que divulgaram o card de captação para a pesquisa.

Agradeço a minha orientadora, professora Cristiane, que aceitou entrar nessa viagem comigo. Mais que isso, permitiu e incentivou que eu não apenas escrevesse, mas me colocasse em cada palavra.

E por último e mais importante, agradeço a Alice, Lúcia, Maria Teresa, Marilene, N., Odete, Tânia e Yone. Agradeço por se voluntariarem a construir esse trabalho comigo, por me ensinarem tanto e me inspirarem a seguir e persistir na luta. Agradeço a estas mulheres por abrirem o caminho para que eu possa estar aqui escrevendo essas palavras. Agradeço a sua resistência!

“Ali, ali naquela casa, moram duas velhas. Moram ali faz anos essas duas velhas. Acho que essas velhas têm alguma coisa, moram juntas faz anos. Ali na casa das velhas estranhas.” (Trecho do conto “Marília Acorda” do livro “Amora” de Natália Borges Polesso, 2018)

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória que busca abrir espaço para as narrativas de mulheres lésbicas na velhice, visibilizar pautas constituintes das vivências lésbicas e discutir como a Psicologia pode atuar de forma ativa em benefício da saúde de mulheres lésbicas na velhice. Para tal, realizou-se entrevista semi-estruturada com mulheres lésbicas entre 60 e 85 anos, que compartilharam sobre suas vivências. Utilizou-se da análise de conteúdo referenciada por Bardin para tratar os dados levantados, identificando os seguintes eixos temáticos para realizar a discussão: ser lésbica na velhice; universo (in)visível; lesbianidade, raça e cor; lesbianidade e psicologia; resistência como modo de existência. A partir da interpretação das narrativas e da discussão com a literatura, entende-se que o apagamento da vivência de mulheres lésbicas se perpetua através da história até hoje. Por terem suas existências invisibilizadas e atacadas constantemente, resistir se torna o modo possível de vida. Compreendendo a lesbofobia como uma violência estrutural e diante da falta de literatura na Psicologia que aborde essa temática, ao fim do trabalho, entende-se que é impossível esgotar esta discussão. Com compromisso ético-político, é necessário que a Psicologia siga pesquisando e abrindo espaços para as realidades das mulheres lésbicas.

Palavras-chave: Lesbianidade. Velhice. Resistência. Psicologia política.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	11
2.1 Participantes:.....	12
2.2. Instrumentos.....	12
2.3 Procedimentos para coleta de dados	12
2.4 Procedimentos éticos	13
2.5 Procedimentos para análise de dados	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
3.1 Ser lésbica na velhice	15
3.2 Universo (in)visível.....	18
3.3 Lesbianidade, raça e cor.....	20
3.4 Lesbianidade e psicologia.....	23
3.5 Resistência como modo de existência.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	35
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	37

1 INTRODUÇÃO

Se este trabalho se propõe a falar de narrativas e memória, entendo que é importante compartilhar também a sua história. Como se formou em mim o desejo de estudar o envelhecimento de mulheres lésbicas? Pois bem, começou em um grupo de mulheres idosas sentadas em roda, muitos semestres antes de eu pensar em escolher uma temática para o trabalho de conclusão de curso. Realizei meu estágio básico com grupos de promoção de saúde no processo de envelhecimento. A maior parte dos grupos, quando não inteiramente, era composta por mulheres, de diversas idades a partir dos sessenta anos. Naqueles encontros eu me deparei com universos de possibilidades, potência de vida, histórias, narrativas e memórias. Escapando dos estereótipos sociais de uma velhice docilizada e pacata, e até mesmo adoecida, aquelas mulheres falavam de vida, de desejo e experiências. Encontrei nessas trocas algo precioso, porém que infelizmente recebe pouco olhar, pouco espaço.

Quando se fala de terceira idade é bastante comum utilizar-se de imagens de pessoas grisalhas, avós com seus netinhos, casais heterossexuais que viveram uma vida toda juntos. É corriqueiro que apareça histórias sobre a viuvez nessa fase da vida, e algumas poucas sobre divórcios. No entanto a temática da sexualidade é um assunto ainda silenciado quando se fala da velhice. É como uma boneca russa, onde cada vez que abrimos uma questão, outra se esconde por dentro. Se já é difícil abordar a sexualidade na velhice, falar sobre orientação sexual é ainda mais, e se intensifica ao falar sobre lesbianidade. (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012).

Se este trabalho se propõe a falar de existências e resistência, entendo que é importante contar essa parte da história também. “Resistir e existir são sinônimos em meio às categorias subalternas porque a subalternidade é caracterizada justamente pela impossibilidade de simplesmente existir.” (PERES, SOARES e DIAS, 2019, p. 43) Como mulher lésbica que se vê pouco nos espaços, e ainda menos nos espaços acadêmicos, compreendi que seria necessário eu me posicionar, lançar e solicitar olhar sobre a lesbianidade. Quem irá fazer por nós, se não nós mesmas?

Há poucos trabalhos no Brasil sobre homossexualidade e velhice, e a maioria contempla principalmente a realidade de homens gays. É importante compreender que as realidades de gays e lésbicas são diferentes, questões de gênero se atravessam, as violências e opressões se apresentam de formas distintas. As

especificidades de cada vivência precisam ser levadas em consideração. (GONÇALVES; CARVALHO, 2019). Além disso, historicamente a psicologia já foi muitas vezes utilizada como ferramenta para a manutenção da norma. Diante disso, é nosso dever abrir esse espaço para questionar e validar existências plurais. (PRETTO, 2019)

Segundo Rich (1993) a heteronormatividade funciona de forma compulsória na nossa sociedade. Desde a primeira infância as mulheres sofrem atravessamentos da socialização de como uma mulher deve ser, e isso inclui direcionar os afetos e libido aos homens. Estes atravessamentos acontecem das mais diversas formas, apresentando-se em níveis mais perceptíveis ou em níveis sutis. Seja através das mídias, da educação familiar e dos exemplos que são visibilizados socialmente, a heterossexualidade é o que se apresenta como norma, como correto e aceitável.

Lendo o conto “Marília Acorda” da autora Natalia Borges Polessa, em que se passa a história de um casal de mulheres idosas e os desafios de se envelhecer isoladas socialmente, a questão saltou aos meus olhos. Onde estão as mulheres lésbicas velhas? Como são suas vivências hoje e o que elas têm para contar sobre sua vida? Quem escuta essas narrativas?

A imagem da mulher velha é docilizada, idealizada nos preceitos sociais patriarcais. (SALGADO, 2002). A lesbianidade é invisibilizada em qualquer fase da vida, e isso pode acentuar na velhice. Não se deixa de ser homossexual quando se envelhece, essas mulheres continuam existindo e resistindo, vivendo de forma desviante da heteronorma. Este trabalho se propõe questionar onde estão estas histórias, quem são essas mulheres e que olhar elas recebem. A falta de espaço e reconhecimento dessas narrativas impossibilitam, por exemplo, que se construa políticas públicas adequadas aos seus contextos.

Já nos grupos de envelhecimento em que participei durante o estágio básico era perceptível a falta de políticas públicas que atendessem às necessidades daquelas mulheres. Quando acrescentamos a variante da orientação sexual, essa falta se torna ainda maior. Ao questionar como mudar esse cenário, me ocorreu que não há possibilidade de se pensar sobre algo que não se escuta, que não se vê. Para iniciar este longo caminhar, é necessário dar os primeiros passos, e antes de tudo e mais nada, precisamos lançar olhar e ouvidos para as mulheres velhas lésbicas.

Existe a idosa de cabelos brancos e coque perfeito no topo da cabeça, que usa saias e tem cheirinho de perfume antigo. Que vive quietinha dentro de si, sem jamais deixar que alguém saiba.

Há a velhinha simpática, dos quitutes deliciosos distribuídos para todas as crianças da família, sem que nenhuma seja realmente sua. Que viveu tanto, que manteve duas vidas paralelas. E revive suas memórias com sabor agridoce.

Tem a velha doida do bairro, que se diverte com sua reputação de ser lelé da cuca, e que adora provocar os vizinhos e todas as suposições que eles têm sobre ela.

Também existe a velha dos cabelos coloridos, roupas divertidas, de bem com a vida. Que não se esconde de ninguém e vive feliz com sua companheira.

Tem a que se esconde até de si mesma.

Há a que começou a viver só depois que envelheceu, e nessa reviravolta de se apropriar do seu próprio desejo, chocou toda a família, dividindo-os entre os que entenderam que nada mudou e os que jamais conseguiram vê-la como antes.

Tem as duas “amigas” que envelheceram juntas e se fazem “companhia”. Tão bonita essa amizade que afastou as duas da solidão da solteirice, sabe?

Existe a vovó militante, professora de história, que conta para os netos todas as aventuras que ela viveu na contramão do mundo com a outra avó.

Existem tantas, que jamais caberiam todas aqui, todas essas tantas possibilidades de existência.

Todas essas idosas são minhas avós. Todas essas mulheres velhas são minhas mães. Todas elas são eu.

(Isabel Ferreira, 2020)

2 METODOLOGIA

“Por muito tempo na história anônimo foi uma mulher.”
(Virgínia Wolf, 1929)

Escrever esse trabalho carrega em si muito mais do que o peso de uma aprovação acadêmica. Colocar em palavras os encontros com essas mulheres traz consigo uma responsabilidade muito grande. Alice, uma das participantes desta pesquisa, por seu papel importante na militância no Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT) no Brasil, já foi convidada diversas vezes para participar de entrevistas e trabalhos acadêmicos sobre lesbianidade. Ela aborda que, por diversas vezes, ao se deparar com os resultados destes estudos, não se enxerga. Se este trabalho tem como um de seus objetivos dar visibilidade para as existências das mulheres lésbicas, que caminho seguir para uma produção que realmente as enxergue?

Um dos passos escolhidos é o de que cada participante possa escolher ter seu nome no trabalho ou não. A anonimização, previamente definida para todas as participantes no projeto de pesquisa, passa a ser opcional. Por mais simples que este gesto possa parecer, essa escolha perpassa não apenas a questão da visibilidade, mas lhes permite ter autonomia sobre sua participação neste trabalho.

Despret (2011) aborda que ao anonimizar participantes de pesquisa, acaba-se muitas vezes por homogeneizar as entrevistadas em uma “massa anônima”, sem levar em consideração particularidades importantes. No efeito “sem nome”, como a autora traz, é retirada da pessoa entrevistada a possibilidade de ter seus feitos e conquistas reconhecidos. Ainda que a prática de anonimização advenha da intenção de proteção, quando esta não se dá como opção e sim como imposição, tira-se das participantes o direito de escolher sobre sua narrativa e de se orgulhar dela.

Por compreender que este estudo aborda uma temática ainda incipiente, optei por realizar a pesquisa de forma qualitativa, transversal e de delineamento exploratório. Segundo Gil (2010) a pesquisa exploratória serve para aprimorar ideias e descobrir mais informações sobre a temática investigada. Além disso, segundo Piovesan e Temporini (1995), possibilita um levantamento de dados para futuras pesquisas sobre a temática estudada.

2.1 Participantes:

Participaram desta pesquisa oito mulheres lésbicas com idades entre 60 e 85 anos. As participantes são nacionalizadas e/ou naturalizadas brasileiras e residem no Brasil, nos seguintes estados: Fortaleza, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Para alcançar essas mulheres foi utilizado o método bola de neve. Este método funciona através da captação inicial de participantes, conceituadas como “sementes”, que então indicam outras mulheres que atendam aos critérios necessários para a entrevista, e assim segue-se em ondas de indicação. Este método é comumente utilizado quando a pesquisa se propõe a trabalhar com públicos de características específicas e de difícil acesso. (DEWES, 2013)

2.2. Instrumentos

Foi utilizada a entrevista semiestruturada como ferramenta para a realização desta pesquisa. Através deste instrumento buscou-se compreender a experiência das entrevistadas quanto às suas vivências como mulheres lésbicas velhas.

Para isto, o roteiro da entrevista (anexo B) seguiu as seguintes questões norteadoras: como é a vivência da participante como mulher lésbica na velhice, como esta mulher percebe os impactos das estruturas sociais em suas experiências e como percebe o impacto da sua existência nas interações sociais a sua volta.

Segundo Boni e Quaresma (2005), a entrevista possibilita a coleta de dados subjetivos, de forma que outros instrumentos não conseguem dar conta. Os autores ainda falam que a entrevista semiestruturada possibilita maior abertura por parte do entrevistado, além do aprofundamento nos assuntos propostos pelo entrevistador.

2.3 Procedimentos para coleta de dados

Através de mídias sociais online foi divulgada a pesquisa para alcançar as primeiras participantes (sementes). Nesta divulgação foram informados os critérios necessários para poder participar da pesquisa, além de endereço de e-mail e número de telefone para contato para as interessadas se manifestarem e tirarem

dúvidas. Quando as participantes entraram em contato, foi explicado como seria a pesquisa. Apresentei a temática, abordando a importância do estudo e comunicando quais eram as questões norteadoras da entrevista. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A). As participantes foram orientadas a guardar a cópia assinada do TCLE, além de guardar registros de contato por e-mail. Foi assegurado o direito de interrupção da participante na pesquisa caso mudasse de ideia quanto a sua participação, independente do momento do processo. Também foi garantido o direito de negar resposta a qualquer pergunta do questionário. Neste momento, também foi explicado como ocorreu o armazenamento e manejo dos dados coletados durante a pesquisa e assegurado o direito das entrevistadas de ter acesso ao trabalho final.

Após esclarecer quaisquer outras dúvidas das possíveis participantes, foram selecionadas as mulheres que, de forma voluntária, desejaram participar da pesquisa e estiveram dentro dos critérios propostos neste trabalho: 1) ser mulher; 2) ter mais de 60 anos; 3) ser homossexual.

As entrevistas foram realizadas de forma individual com cada mulher. Sete das entrevistas ocorreram virtualmente, através de chamada de vídeo ou de áudio. Uma das entrevistas foi realizada presencialmente, na casa da participante, segundo seu desejo. Em todos os casos, as entrevistas foram gravadas em áudio, com prévia autorização das participantes, e ocorreram em espaços que proporcionassem privacidade para suas narrativas. Nas citações das entrevistas apresentadas neste trabalho, os nomes foram mantidos ou anonimizados de acordo com o desejo de cada uma das mulheres.

Os arquivos de áudio estão armazenados em uma pasta específica no meu computador particular, o qual terceiros não têm acesso. Os registros aqui citados serão arquivados por cinco anos em pasta zipada, sendo deletados ao passar deste tempo.

2.4 Procedimentos éticos

A presente pesquisa foi realizada apenas após submissão e aprovação do Comitê de Ética da Unisinos, de acordo com a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Para cada participante foi apresentado o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido, reforçando a participação das mulheres de forma voluntária e autônoma. Foram esclarecidas toda e qualquer dúvida, além de garantir a confidencialidade das participantes. Foi acordado com todas as participantes que este trabalho lhes seria enviado quando estivesse pronto.

2.5 Procedimentos para análise de dados

As respostas das entrevistas foram analisadas através da análise de conteúdo. Este método de análise se divide em três etapas: a pré-análise, que consiste em uma primeira organização dos dados coletados; a exploração do material, onde os conteúdos serão codificados; e o tratamento dos resultados e interpretação, onde então, a pesquisadora realiza interpretações e inferências a partir dos resultados obtidos. (BARDIN, 1977). Optou-se pela análise de conteúdo por entender que este método pode contribuir para uma melhor compreensão dos dados levantados na pesquisa exploratória, permitindo reflexões sobre a temática e objetivos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após os encontros, afetações e reverberações advindas destes, identifiquei os seguintes eixos temáticos a serem discutidos: ser lésbica na velhice; universo (in)visível; lesbianidade, raça e cor; lesbianidade e psicologia; resistência como modo de existência.

3.1 Ser lésbica na velhice

De mãos dadas com uma mulher, eu sou uma lésbica. Sozinha em meu quarto, eu sou uma lésbica. Caminhando na rua, sentada na praça, na fila do banco, eu sou uma lésbica. Sentada à mesa de um almoço em família, eu sou uma lésbica. Ouvindo música, cantando alto, eu sou uma lésbica. Falando em público, falando entre amigas, falando sozinha, eu sou uma lésbica. E em silêncio, eu sou uma lésbica. Na sala de aula, na sala de estar, na sala de espera, eu sou uma lésbica. No escuro de uma sessão de cinema, eu sou uma lésbica. Sob o sol ardente, eu sou uma lésbica. E quando o vento da noite bate em minha cabeça raspada, eu sou uma lésbica. Quando choro, eu sou uma lésbica. E se sinto os músculos da barriga doerem enquanto gargalho, eu sou uma lésbica. Quando abraço a minha mãe, eu sou uma lésbica. E quando cumprimento minha vizinha no caminho para casa, eu sou uma lésbica. Quando deito para dormir, eu sou uma lésbica. E quando acordo na manhã seguinte, eu sou uma lésbica. Debaixo do chuveiro, na frente do espelho, eu sou uma lésbica. Revelada em uma fotografia, eu sou uma lésbica. Quando falam de mim, eu sou uma lésbica. E se falo em primeira pessoa: "eu sou uma lésbica". (Sarah Sanches, 2016)

Se a história apaga o protagonismo de mulheres no geral, as lésbicas encontram ainda mais dificuldade de terem suas histórias registradas e legitimadas. Onde estão as lésbicas entre as grandes figuras históricas? O sistema patriarcal e heteronormativo tem marginalizado e tentado apagar as existências lésbicas ao longo da história. Quando aparecem, as lésbicas são retratadas de forma pejorativa. A exemplo disso temos a queima de poemas de Safo de Lesbos, poetisa grega que escrevia sobre o amor entre mulheres, e a tentativa de manipulação de sua poesia quando traduzida para outros idiomas. (CANCIANI, 2017)

Por isto, meu pedido às mulheres que se disponibilizaram a compor este trabalho comigo era "Me conta tua história.". Neste espaço, o protagonismo é destas oito mulheres que se disponibilizaram a partilhar suas experiências. Tanto foi compartilhado! Cada uma pode escolher como desejava contar sua história, a partir do fio condutor que desejasse mais. Enfatizaram a carreira, a vida na militância,

contaram sobre maternidade, relações familiares e de amizade, seus interesses e mais. Mesmo as que escolheram falar principalmente sobre suas relações amorosas, traziam em sua narrativa diversos outros fatores.

O que quero dizer é que há muito mais a ser falado sobre essas mulheres do que com quem elas se relacionaram ou relacionam, ainda que isso também seja importante. Mulheres lésbicas continuam a ser lésbicas quando não estão numa relação amorosa, quando são jovens e quando são velhas. Independentemente de estado civil e de idade, elas têm suas vidas atravessadas pelo fato de serem pessoas desviantes da norma.

Quando conversávamos sobre velhice, não houve uma sequer que expressasse se sentir idosa. Ainda que a intenção deste trabalho seja não homogeneizar suas narrativas, sinto a importância de ressaltar esse ponto tão unânime entre essas mulheres. Fui proibida de lhes chamar de “senhora”! Contavam sobre planos e sonhos ainda a serem realizados, as casadas comentavam sobre envelhecer ao lado da companheira, as solteiras devaneavam sobre a possibilidade de se apaixonarem novamente, muitas fazendo mudanças em suas vidas recentemente, procurando emprego, se aposentando, desistindo de se aposentar, seguindo na militância, iniciando sua atuação na militância. Se teve algo que vi e ouvi em todas, foi força, ânimo e desejo de viver muitas coisas mais. Se teve algo que senti ao me encontrar com cada uma dessas mulheres velhas foi potência de vida!

O envelhecimento é comumente classificado como a última etapa da vida e associado a perdas, limitações e doenças. A estrutura capitalista cultua a juventude, valorizando essa fase da vida por enxergar produtores e consumidores que mantêm o sistema. Na cultura ocidental o velho perdeu o lugar de sábio e experiente, e cada vez mais sendo percebido como um problema. Esse contexto faz com que pessoas idosas estejam sujeitas a sofrerem discriminação e a serem marginalizadas. (OLIVEIRA, DORONIN; 2017)

Santos et al. (2020) falam que os estudos sobre velhice têm priorizado a visão biológica do envelhecer em detrimento da perspectiva psicossocial. Coloca-se em destaque temas como limitações físicas e fragilidades do envelhecimento, desconsiderando outras temáticas pertinentes a esse período da vida. Os autores ainda indicam que há uma visão muito estigmatizada sobre o envelhecer, além de

um imaginário social do que é ser velho que não condiz com a realidade dos sujeitos que vivenciam esse processo.

Entre os tabus que envolvem a velhice, a sexualidade é um dos principais. Vieira, Miranda e Coutinho (2012) discutem que pessoas velhas são vistas como desprovidas de sexualidade, e que os poucos estudos sobre a temática consideram principalmente fatores físicos das limitações do corpo. Esta visão limita a própria compreensão da sexualidade, que pode ser vivenciada de diversas formas e ter muitas expressões. Salgado (2002) aborda que as mulheres, por viverem mais que homens, experienciam mais o envelhecer. Apesar desse fato, falta um olhar cuidadoso sobre as necessidades específicas de mulheres na velhice. Mulheres velhas sofrem mais discriminação, por serem atravessadas por gerofobia e misoginia. A autora ressalta a importância de profissionais da área da saúde olharem com maior cuidado para a realidade das mulheres velhas, levando em consideração o contexto social e as opressões que sofrem.

Durante os encontros, as realidades que encontrei com essas mulheres velhas lésbicas diferiam muito destas imagens docilizadas do imaginário social. Não apenas suas falas trazem uma gama de saberes e vivências, mas suas posturas diante da vida são inspiradoras.

Marilene, de 60 anos, fala que ainda se sente com 25 e divide a casa com uma amiga de 28 anos. Conta sobre sua relação com suas sobrinhas, sobre novos interesses e assuntos que tem aprendido.

Lúcia, de 62 anos, conta sobre a mudança de cidade após a aposentadoria e sobre os planos que ela e sua esposa fazem para os próximos anos. Fala do quanto gostam de receber os amigos e amigas em sua casa, e que aguarda ansiosamente para que isso possa voltar a acontecer de forma segura, após a pandemia estar controlada.

Maria Teresa, de 67 anos, é professora de inglês e começou voluntariado na ONG EternamenteSOU que atende pessoas LGBT com idade a partir de 50 anos. Ela comenta que durante sua vida não foi ativa no movimento LGBT, e que se sente feliz por hoje poder contribuir de alguma forma.

Odete, de 62 anos, também é professora. Durante seu período de docência também era sindicalista. Ela conta que está aposentada há pouco tempo e ainda está elaborando essa despedida do trabalho, que pretende participar mais do movimento lésbico a partir de agora.

Alice, com 64 anos, tem uma rotina tão agitada e cheia que solicitou que nosso encontro, que ocorreu através de vídeo chamada, fosse às 22 horas da noite. Trabalha ativamente para o movimento LGBT, comenta sobre alguns projetos em andamento e outros que estão por vir.

Yone, de 65 anos, contando sobre sua atuação na militância, fala decididamente: *“Eu só paro quando eu morrer”*. Ela comenta que imaginava poder se aposentar, ter mais tempo livre para aproveitar os netos e bisneto, mas com os retrocessos do governo atual, está decidida a continuar.

N., que preferiu não utilizar seu nome no presente trabalho, no alto de seus 85 anos esbanja uma memória afiada, resgatando lembranças com facilidade de diversos momentos de sua vida. Fala com orgulho de sua trajetória profissional e da vida que conquistou com muito esforço, após vivenciar uma infância e adolescência muito difíceis.

Tânia, de 68 anos, participa das atividades da ONG EternamenteSOU. Ela comenta como foi importante encontrar o grupo neste momento, pois ficou viúva há cerca de um ano. E apesar do isolamento advindo da pandemia, através da ONG pode construir nova rede de amizades. É aluna de Maria Teresa e comenta com animação que está aprendendo inglês.

Essas são pequeninas partes dessas mulheres tão grandiosas que se voluntariaram para participar desse trabalho. E com a contribuição delas, através das produções de afetos e saberes que geraram cada encontro, sigo esta narrativa.

3.2 Universo (in)visível

“cada vez que encontro outras mulheres
para partilhar histórias
nos tornamos terra fértil.”
(Ryane Leão, 2017)

É interessante perceber que independente da idade ou cidade de residência, a rede de mulheres que se relacionam com mulheres é extensa e funciona como um sistema à parte. Quase todas as participantes relataram que após se entenderem lésbicas, descobriram todo um universo até então secreto. Algumas relataram sobre grupos LGBT, outras já especificavam como grupos de mulheres que se relacionavam com mulheres, mais especificamente.

Como N. que, embora não tenha se assumido socialmente como lésbica, compartilha diversas histórias que passou com seu grupo de amigas “entendidas”, um espaço onde podiam ser e falar abertamente sobre suas vivências. É como se fosse um mundo paralelo, acontecendo concomitante à vida normativa e visível.

Esses grupos se configuravam de diversas formas, se encontrando em muitos espaços. Como o pessoal das aulas de teatro que Marilene fazia parte, como nas noites dançantes em que Tânia e Odete frequentavam, no trabalho, como era para Lúcia, nos espaços de luta como contam Alice e Yone.

Inicialmente elas contam que essas redes eram espaços sigilosos, passando até mesmo uma sensação de clandestinidade. Em sua maioria, eram grupos informais formados por laços de amizade. Só sabia sobre as existências deles as próprias pessoas que faziam parte. Eram espaços de respiro, de apoio, e de diversão também.

Alice e Yone já trazem em sua narrativa as formações dos primeiros grupos LGBT e lesbofeministas dentro da militância. Alice em São Paulo e Yone no Rio de Janeiro, se conheceram através da rede de luta pelos direitos LGBT. Era bonito ouvir uma citando a outra como referência e aliada. Cada uma em seu contexto diferente, contam como foi fazer parte da fundação dos primeiros grupos formais de militância. Elas comentam que em alguns eventos era preciso tomar um cuidado redobrado, pois diversas pessoas que participavam não eram assumidas publicamente. Desta forma, era criada uma organização para preservar as identidades de quem não poderia ser visto ou vista em encontros LGBT. Ainda hoje, segundo Yone, embora tenha-se a sensação de que as pessoas estão se assumindo mais, este cenário continua a se repetir.

Alice comenta que conforme o movimento foi se organizando, ela e outras mulheres lésbicas e bissexuais foram sentindo a necessidade de abrir um espaço só para as mulheres. Assim, criaram um grupo de lésbicas feministas para poderem falar das especificidades de suas vivências, muito diferentes das experiências dos homens gays.

Conforme os relatos vão se aproximando das vivências mais recentes e atuais, a rede vai se tornando mais visível e mais articulada quando se trata da militância. ONGs vão surgindo e possibilitando conexões. Como é o caso, por exemplo, de Maria Teresa e Tânia, que se conheceram através da ONG EternamenteSOU, nas aulas de inglês.

Sejam essas mulheres assumidas socialmente ou não, essas redes de apoio e afetos demonstram ser de grande importância, especialmente para as mulheres que não tiveram apoio da família de origem. Marilene e Maria Teresa narram em suas trajetórias um grande apoio familiar, onde se sentiam aceitas e seguras. Elas reconhecem este fato como algo raro, ainda mais na época que eram jovens, e valorizam a “sorte” que tiveram.

Em nenhum momento, da parte de nenhuma dessas mulheres, foi citada a participação da rede pública como apoio. Nenhum grupo terapêutico, de apoio ou sobre vivências, que foram citados nestes encontros foi realizado através de serviços de saúde ou da assistência social. Há uma ausência de políticas públicas que olhem para as existências lésbicas. Canciani (2017) aborda que, assim como na história, a ciência foi constituída por muito tempo por homens brancos heterossexuais. A carência de produção científica que contemple as mulheres lésbicas reverbera na falta de dispositivos e políticas públicas que atendam às necessidades específicas dessa população. Este vazio ressalta ainda mais a necessidade de a rede, enquanto instituição pública, ouvir essas mulheres para aprender como articular espaços e políticas que atendam a essas realidades.

Andrade (2017) argumenta que ainda que o atendimento a comunidade LGBT esteja assegurado nas políticas do SUS, isso não se concretiza na prática. Muitos profissionais continuam pautando sua atuação através de uma perspectiva heteronormativa, o que afasta e invisibiliza as mulheres lésbicas. A autora aborda que falta capacitação profissional para o atendimento a mulheres que se relacionam com mulheres, além de políticas públicas que atendam suas especificidades.

Rufino et al (2018) aponta que mulheres lésbicas e bissexuais utilizam menos os serviços de saúde e apresentam piores indicadores de saúde se comparado às mulheres heterossexuais. Em sua pesquisa, as autoras identificam que entre as causas deste resultado estão a falta de preparo das equipes para atender mulheres que se relacionam com mulheres. As práticas na saúde ainda são muito atravessadas pelo contexto social heteronormativo.

3.3 Lesbianidade, raça e cor

Poder da mulher
É
Poder Negro

É
Poder Humano
Sempre sinto meu coração bater
Enquanto meus olhos se abrem
Enquanto minhas mãos se movem
Enquanto minha boca fala
Eu SOU
Você É
Pronto.
(Audre Lorde, 1997)

Fizeram parte deste trabalho uma mulher preta, uma mulher de origem indígena e seis mulheres brancas. Fiquei me questionando sobre a dificuldade de acessar mulheres pretas e indígenas. Por realizar esta pesquisa em tempos pandêmicos, a divulgação para captar participantes para que esta pudesse acontecer se deu apenas através da internet. O que me coloca a pensar: quem são as mulheres que têm esse acesso? Quais mulheres lésbicas acessam espaços virtuais que falam de sua realidade? E quando esses acessos são possíveis, quais sentem-se à vontade para falar de suas vivências?

Tânia narra que, ainda que na maior parte dos espaços e em outras relações já fosse uma lésbica assumida, nos locais de trabalho sempre evitou falar sobre sua orientação sexual e evitava se relacionar romanticamente com pessoas do serviço. Os preconceitos devido a sua cor já lhe traziam muitas dificuldades por si só. Conta sobre as violências verbais pelas quais passava e passa ainda hoje, tanto pelo fato de ser preta quanto por ser lésbica. Comenta que os xingamentos por ser lésbica lhe afetavam mais, pois eram tempos mais difíceis para se viver de forma assumida. Algumas vezes, ela disse, era necessário omitir sua orientação sexual para se proteger. *“Teve vezes que eu tive que negar, porque o ambiente não era propício.”*

Braz e Benevides (2018) abordam as dificuldades que mulheres pretas e lésbicas enfrentam no mercado de trabalho por vivenciarem a sobreposição de opressões, ou seja, por serem mulheres, pretas e lésbicas. As autoras ainda argumentam que não há uma hierarquia dessas opressões, e compreendem este fenômeno como a interseccionalidade de violências estruturais.

Alice, por sua vez, compartilha sua experiência em busca de se conectar com suas raízes indígenas, quando morou em uma aldeia por alguns meses com sua companheira. Ainda que tenha se sentido muito respeitada quanto ao fato de ser uma mulher lésbica, percebia que não havia outras pessoas LGBT assumidas nessa

aldeia. Diz que hoje já vê mais indígenas LGBT se articulando na militância, e enfatiza a importância de o movimento olhar para as pessoas indígenas.

É importante pontuar a escassez de estudos dentro da psicologia que abordem a temática indígena, ainda mais quando se coloca a variante de orientação sexual. Pastore (2016) reflete sobre a atuação da psicologia no trabalho com povos indígenas, e reforça que este ainda está em fase inicial. Destaca que este trajeto tem de ser construído junto aos povos indígenas, buscando um fazer com horizontalidade de saberes.

Quando questionadas quanto à identificação racial e de cor e como isso afetava suas vivências como lésbicas, as mulheres brancas em geral conseguiam perceber que possuem privilégios. Comentavam entender que para mulheres pretas há uma sobreposição de opressões ainda maior, por serem mulheres, lésbicas e pretas. Em suas falas não foram mencionadas a pauta indígena.

Bento (2002) problematiza a omissão dos brancos diante da responsabilização do seu papel na origem e manutenção das desigualdades raciais. A autora questiona a falta de racialização das pessoas brancas, a dificuldade de refletir sobre sua branquitude e por consequência de seus privilégios. O risco de nós, enquanto pessoas brancas, não nos racializarmos, é o de manter uma visão de mundo homogeneizada e restrita à ótica da branquitude, colocando pessoas negras, como discorre Hooks (2019), sempre no lugar da “Outra”. Ainda segundo a autora: “Vivenciar a dor do ódio racial ou testemunhar essa dor não significa compreender suas origens, sua evolução ou seu impacto na história do mundo.” (HOOKS, 2019, p. 193) O que enfatiza a necessidade de aprofundarmos nossos estudos sobre as temáticas raciais, bem como a maneira que estas estruturam o contexto social no qual estamos inseridas.

Maria Tereza adotou uma filha com sua ex-esposa, uma menina preta. Ela conta que isso mudou sua visão de mundo, pois ainda que não se considerasse uma pessoa preconceituosa, só conseguiu compreender o racismo que as pessoas pretas passam ao presenciar a vida de sua filha. Em seu relato, se emociona ao falar das dificuldades e situações de opressão estrutural que viu a filha passar. Maria Tereza enfatizou a importância de nós, pessoas brancas, ouvirmos as histórias de mulheres pretas, de abordarmos mais as temáticas antirracistas em todos espaços, inclusive no meio LGBT.

3.4 Lesbianidade e psicologia

agora que percebemos
que somos a nossa própria cura
perdemos o medo de gritar
anos de silenciamento
agora provocam vendavais

ao lado das minhas estou a salvo
(Ryane Leão, 2017)

“...porque as psicólogas não se assumem como lésbicas. Se eu tivesse uma psicóloga que se assumisse como lésbica eu ia preferir ir nessa psicóloga.” Ao escutar essa fala de Odete sinto fortemente o compromisso ético-político de fazer parte da construção de uma psicologia posicionada. A necessidade de representatividade e de espaços seguros é expressada em suas palavras. Se ver identificada com sua terapeuta pode ser em si já terapêutico. Silva, Braga e Cunha (2021) argumentam que a falta de representatividade e de pertencimento nos espaços públicos para lésbicas podem acarretar em maior adoecimento mental para estas mulheres.

Por fazer parte dos saberes que socialmente representam a ciência e a saúde, quando uma psicóloga lésbica se posiciona como tal, ela não apenas possibilita identificação e representatividade, mas também quebra com estigmas de homoafetividade como doença. Esta quebra de estigmas e posicionamento a favor das comunidades LGBT é de grande importância, já que por muito tempo a Psicologia reforçou este lugar de patologia para a homossexualidade. (GONÇALVES; CARVALHO, 2019)

Foi interessante perceber que todas as participantes já tiveram contato com a psicologia em algum momento de suas vidas. Seja através de psicoterapia individual, grupos terapêuticos, por já terem se relacionado com psicólogas amorosamente, no trabalho ou terem parentes que são. Entre o tanto que foi falado, experiências desagradáveis e preconceituosas também estavam presentes.

Quando falávamos sobre essa temática, Marilene conta que sua família lhe convenceu a fazer terapia com uma psiquiatra pelo fato de se relacionar com mulheres. Na época, ela esperava que a profissional pudesse ser uma facilitadora do processo de aceitação de sua família, mas a psiquiatra reforçava a heteronorma em seus encontros. Por já ser adulta nesta época, se aceitar como lésbica e ter uma

boa rede de amigos onde se sentia acolhida, Marilene conseguiu interromper o acompanhamento diante da postura lesbofóbica desta médica. Mais recentemente, se acompanhou com uma psicóloga com quem conseguiu ressignificar o espaço terapêutico. Ainda que neste caso a profissional envolvida não seja uma psicóloga, ela representava um espaço terapêutico, que acabou por reproduzir violências.

Já Alice, Lúcia e Yone convocaram a psicologia para a luta para além do espaço terapêutico. Lúcia, como assistente social que atuou no Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA) e no SUS em busca de políticas públicas para Pessoas Vivendo com HIV ou AIDS (PVHA), nos convida como colegas: *“Eu acho que tem que ter muita cobrança de intervenção pública. Só se conseguiu o que se conseguiu em relação a AIDS, que é meu chão maior, cobrando... Exigindo, dando a cara a tapa! Se não fizer isso as coisas vão ficar paradas, e em relação às lésbicas é a mesma coisa. Não dá mais pra ONGs ficarem assumindo sozinhas e se ralando, o poder público tá sempre se isentando de tudo, se eximindo de qualquer responsabilidade. Então essa cobrança tem que ser uma cobrança diária. É ir pra cima, e cobrar política pública!”*.

“Acho que ela (a psicologia) pode trazer um grande benefício, agora pra isso, primeiro ela tem que, dentro da sua grade curricular, desenvolver essa discussão.” Alice, por sua vez, em sua fala convoca a psicologia enquanto academia. Comenta perceber que por muitas pessoas não fazerem parte da comunidade LGBT, elas não param para pensar sobre essa temática, muito menos participam da luta por construção de políticas públicas que atendam às necessidades dessa população. Por isso, defende a importância de se chamar mulheres lésbicas para habitarem esses espaços de produção dos saberes acadêmicos. Alice ainda comentou da importância de a Psicologia fazer ações fora das grandes capitais, pois percebe que o cenário de preconceito e opressão se intensifica em cidades menores e fora do eixo Rio-São Paulo.

A fala de Alice faz eu refletir sobre minha história com a psicologia e lesbianidade. Eu me entendi psicóloga antes de me entender lésbica. O processo de compreensão da minha orientação sexual ocorreu de forma paralela ao meu processo de formação na psicologia. Através dessa trajetória eu fui percebendo o quanto eu não me enxergava nesse espaço enquanto lésbica. Ainda que se escute um discurso sobre acolhimento de diversidades na universidade, o mais próximo da lesbianidade que vi se aproximar dentro da academia foi o L em LGBT. Durante

minha graduação inteira eu escutei apenas uma vez uma psicóloga lésbica em sala de aula, convidada por uma professora que sabia de minha existência enquanto lésbica e buscou proporcionar representatividade. Ainda assim, não me recordo de escutar narrativas de mulheres lésbicas na academia.

Pretto (2019) lembra que a Psicologia na academia ainda é muito estruturada na visão de homens brancos heterossexuais, e questiona qual é a possibilidade de escuta para mulheres lésbicas nesse contexto. A autora ainda ressalta a importância de colocar a prática psicológica em questão, para que não se reproduza violências em espaços que devem ser terapêuticos.

Yone, comenta que o Conselho de Psicologia é um dos conselhos profissionais que mais colabora com a luta LGBT. Reforça que é necessário que a Psicologia continue bancando a despatologização da homossexualidade, o fim da “cura gay” e um maior incentivo para produção acadêmica LGBT. Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005) traz como fundamento a eliminação de opressões e preconceitos, além de ressaltar que o fazer da Psicologia deverá ser realizado levando em consideração o contexto sócio-histórico. Entretanto, Benevides (2005) pontua que historicamente a Psicologia hegemônica pauta sua prática em perspectivas centradas no indivíduo e seu mundo interno, sem levar em conta o contexto social. Há um distanciamento desta Psicologia no que toca questões políticas, uma tentativa de isenção. Entretanto, partindo de uma perspectiva da produção de subjetividade, não há como separar sujeito e coletivo, pois um atravessa o outro.

Compreendendo que a sociedade em que vivemos é constituída por opressões estruturais, como o racismo e sexismo, por exemplo, entende-se que estas opressões atravessam a subjetividade dos sujeitos. Uma prática neutra, que desconsidera ou tenta “separar” o social e o indivíduo, acaba por reproduzir essas violências sistemáticas. Desconsiderar a cultura machista, misógina e heteronormativa na construção de subjetividade nas mulheres, não visibilizar pautas pertinentes a mulheres desviantes das normas, é ser conivente com as opressões. É urgente que a Psicologia se posicione político-ideologicamente. (PRETTO, 2019)

3.5 Resistência como modo de existência

o que é resistência?
 substantivo feminino
 quebrar a estrutura para poder viver
 encontrar rachaduras e respiros
 florescer no asfalto
 resistir às forças estruturais sobre o corpo
 corpo – mulher
 ser mulher
 ser mulher lésbica
 resistir às opressões
 não deixar, não mais, me interromperem
 permitir os afetos
 quebrar o concreto
 para que eu possa existir
 resisto
 (Isabel Ferreira, 2020)

“*Nós fomos as desbravadoras das lésbicas futuras, porque o que a gente passou, vocês não passam*”, determina Tânia, num tom tão forte quanto tranquilo. E Lúcia reforça: “*a nossa geração que colocou a cara a tapa nessa questão da sexualidade e foi muito difícil.*”. Duas mulheres de realidades e experiências muito distintas, mas que vivenciaram em suas trajetórias o enfrentamento de uma sociedade lesbofóbica.

Ao contar sobre o início da militância LGBT no Brasil, Alice diz: “*Nós, lésbicas, sempre fomos ousadas e sempre demos os primeiros passos à frente no rompimento de todo um processo que se tem aí colocado dentro dessa sociedade machista e patriarcal.*” Comenta que inicialmente o movimento era nomeado apenas como de homossexuais, dando maior ênfase para os homens. Foram as lésbicas que começaram a pautar a necessidade de ter sua nomenclatura na luta também. Muitas mudanças ocorreram de lá para cá para chegar na sigla que temos hoje, mas o início desse processo se deu com as mulheres lésbicas.

Além da repressão política e social e da misoginia dentro do próprio movimento, Alice também narra as dificuldades relacionadas à disponibilidade e acesso aos recursos necessários para a estruturação da luta. “*Naquele momento você tinha outra dinâmica pra fazer a militância, não era uma coisa tão simples, né, pra gente fazer um comunicado tinha que ser no mimeógrafo... Pra fazer uma ligação pro Brasil todo tinha que pedir ajuda de sindicato, a gente não tinha grana pra fazer esses trabalhos.*”

Hoje a internet é uma ferramenta que facilita e traz possibilidades ao movimento. Como por exemplo, as ações realizadas pela ONG EternamenteSOU, que tem desenvolvido diversas atividades através de encontros virtuais para pessoas LGBT a partir de 50 anos. Ainda assim, é importante problematizarmos quem tem acesso a este recurso. Também salientar que apesar de o movimento estar mais organizado, ainda sofre repressão e ataques das mais diversas ordens.

Yone comenta que após o início do mandato do atual presidente Jair Bolsonaro, sente como se tivéssemos retrocedido 30 anos no que tange a luta e conquistas de direitos para a comunidade LGBT. Conta sobre o desmonte que está acontecendo nos conselhos políticos e comenta: *“A gente anda escolhendo agora as representantes lésbicas que são mais femininas pra esses conselhos nacionais. Olha que louco, o que a gente tem que fazer, porque se não, eles eliminam (a participação nos conselhos).”*

As mais desfeminilizadas relatam passar com mais frequência por situações de discriminação, através de xingamentos como “machorra”, olhares e impedimentos de circular por alguns espaços. Estar em ambientes públicos com a companheira, mesmo onde era comum ter casais homoafetivos, era se expor a preconceito. Elas comentam que era necessário ter discernimento para saber quando era possível se impor e quando era necessário se resguardarem, ir embora ou até mesmo negar sua orientação sexual. Ao desafiar os padrões de feminilidade em sua aparência, essas mulheres estão mais expostas pois denunciam distintos modos de existir. Por consequência, a reação da norma diante dessas existências é uma tentativa constante de apagamento, de eliminação. Canciani (2017, p. 193-194) argumenta que: *“Se já se entende heterossexualidade como instituição de poder normalizador que produz corpos sob a sua lógica, um corpo subversivo que foge a norma se transforma em resistência.”*

Diante deste cenário, quando tocamos na temática da resistência, Maria Teresa enfatiza: *“A gente tem que resistir, porque não dá pra dar esses passos pra trás. O fato de a gente existir e mostrar que a gente existe, é a resistência”*. Ela conta como teve uma vida calma, mais envolvida com a família e traz um arrependimento por não ter se engajado mais cedo no movimento lésbico. Entretanto, em nossa conversa foi percebendo o quanto o simples fato de ser quem é e estar presente impactou diversos espaços.

Lúcia, de 62 anos, expressava de forma enfática, num tom até divertido, que hoje ela não esconde sua orientação sexual e o fato de ser casada com uma mulher. Ela diz: *“Tu sente o riso atrás, a ironia, o deboche, o comentário. Fica tudo no ar, sabe?! Mas é que pra nós, a gente viveu tantas dores no início, que hoje a gente ri disso tudo. Não tem mais como deixar de viver as coisas que a gente gosta de viver juntas em função de preconceito”*. Ela comenta que esta tranquilidade para bancar ser quem é foi um processo que veio junto com a maturidade e o envelhecimento. Apesar de perceber também alguma transformação social, pois enfatiza que o que se vivia nos anos 70 era pior, não acha que as coisas mudaram tanto assim.

A percepção de Lúcia é reforçada pela fala de Alice, que comenta observar através de sua atuação como militante, que a realidade das mulheres lésbicas e pessoas LGBT em outros locais fora do eixo Rio-São Paulo ainda é de grande violência e discriminação. Além disso, em função da pandemia de Covid-19 e do alto nível de desemprego, Yone conta que muitas pessoas estão precisando voltar a morar com as famílias de origem, o que diversas vezes implica em um retorno ao armário também. Estar em casa não é seguro para muitas dessas pessoas.

Facilmente eu me encontrava com olhos marejados, emocionada, ouvindo as histórias dessas mulheres. Houve muitas perdas em suas trajetórias! Em seu trabalho com PVHA, Lúcia compartilha as dores da luta: *“A gente saía de um cemitério pra outro, roubando as flores que a gente tinha levado para poder levar no outro, de tanta gente que morria. Eu perdi muitos amigos.”*. Em outro estado, a quilômetros de distância, Alice vivia um cenário parecido também devido a epidemia de AIDS: *“Eu tive que enterrar várias pessoas no túmulo da minha família, porque a família abandonou completamente.”*

A imagem de Lúcia carregando as flores ficou cravada em minha mente. Não havia dinheiro para comprar flores, mas dava-se um jeito de levá-las. Pego-me pensando no que representa esta cena. Sem intenção de romantizar um contexto tão duro e triste, mas valorizando a sutileza do cuidado, enxergo nesse ato um tanto de força e até mesmo beleza. Enxergo resistência. Quando pergunto para Lúcia o que entende por resistência, ela diz: *“É tu não abrir mão em função de preconceitos, é tu não abrir mão em função de medo, em função de ser mulher, é tu manter as coisas todas que tu acredita. Basicamente ser resistência é isto, é não abrir mão.”*

Para Yone: *“Viver já é um ato de resistência muito grande! Viver, não sobreviver! Viver! E poucas pessoas tem acesso a viver. Se você parar pra pensar,*

são pouquíssimas essas pessoas e é por isso que eu te digo que não abandono a luta.” Em meio a tantas pedras no caminho, é importante enxergar as flores que nascem através das rachaduras do concreto. Ser feliz e celebrar conquistas também fazem parte de resistir.

Devido à pandemia e às distâncias físicas, quase todas as entrevistas aconteceram através de chamadas de vídeo ou áudio. Mas tive a oportunidade de ir presencialmente na casa de N. e conhecer também sua esposa E., de 74 anos. Um registro que ficou em minha mente foi o de estar sentada na cozinha dessas duas mulheres, ouvindo suas histórias e presenciando a dinâmica estabelecida entre elas. As trocas de olhares, expressões, comunicação entre o casal de mulheres que estava à minha frente. Há uma beleza que habita na rotina, um gesto ao alcançar uma xícara, abrir a caixa de chás e oferecer as opções, perguntar onde está o pote com suas bolachas favoritas, uma complementando a contação da outra. Sutilezas da vida a duas, que já dura 33 anos. Elas contam como se conheceram entre risadas, se ajudando a lembrar onde ou como ocorreu algum detalhe específico. “*O primeiro beijo foi lá*” diz N. de forma pausada, fitando a esposa através da mesa “*na tua cozinha*”, enquanto E. confirma. Durante a conversa, o casal utiliza algumas vezes a expressão “entendida” para se referir a mulheres lésbicas. Questiono o porquê elas imaginam que se usava esta expressão, ao que N. responde com um sorriso de quem sabe: “*Entendida é quem entende da coisa*”, e E. comenta que uma amiga lésbica costumava falar: “*Nós é que entendemos da vida.*”.

Quem vê a desenvoltura e carisma de N., não imagina o tanto de dor que já passou em sua vida. Conta sentir que começou a viver de verdade a partir dos 40 anos. Foi de uma beleza ímpar poder partilhar tantas risadas com ela, como se cada alegria fosse ainda mais valorosa. Quando lhe pergunto sobre resistência, ela diz: “*Olha, a minha vida foi resistência, então eu posso dizer que quando tu tens as dificuldades e consegue resistir, não sei se chama resiliência também, ou tem algo a ver com isso. Mas é ter força, com o próprio ânimo.*”

Seguindo nas potencialidades dos encontros, lembro da voz de Marilene carregada de satisfação ao relatar sobre a relação que tem hoje com sua família. Fala com orgulho do comentário de sua sobrinha bissexual, que lhe diz que fez muito por ela e muitas outras mulheres. Diz que graças à tia, a família conseguiu aceitar com mais tranquilidade sua orientação sexual também. Para Marilene:

“Resistência é uma força que vem de dentro da gente quando a gente não quer concordar com alguma coisa que é imposta.”

“Ser resistência é eu ser e continuar sendo do jeito que eu sou, ser lésbica. É você ter a percepção de que é necessário você se colocar e colocar essas questões para a sociedade.” Odete enfatiza a importância de nos fazermos presentes, de fazermos nossa existência visível. Conta de ações que conseguiu realizar dentro das escolas que já trabalhou e de sua busca por se engajar mais na militância agora que se aposentou.

Para Tânia, resistir não é uma opção: *“Eu tenho que resistir, porque eu tenho que continuar vivendo.”* A lesbianidade por necessariamente representar um conflito com o que impõe a heteronorma patriarcal, carrega como condição de sobrevivência resistir. (RICH, 2010)

Depois de todos esses encontros, depois de ser inundada com as falas dessas mulheres e sentir meu corpo ser atravessado por suas existências, a única forma possível de encerrar este capítulo é com a fala de Alice: *“Resistência, eu vou dizer pra você que é*

*Alice Oliveira,
Marisa Fernandes,
Rosangela Castro,
Yone Lindgren,
Mitchelle Meira,*

*sabe... Mulheres que estão aí resistindo, cada uma na sua idade diferente...
Nós somos a resistência, a gente tá aí, existindo e resistindo”.*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

olhe todas as que vieram
antes de nós
não há segredo
a potência de ser mulher
atravessa suas veias

somos fortalezas
(Ryane Leão, 2017)

Ao lançar olhos e ouvidos sobre essas narrativas, deparo-me com a constante tentativa de apagamento às lésbicas. Compreendendo a lesbofobia como uma violência estrutural, entendo que por terem suas existências invisibilizadas e atacadas constantemente, resistir se torna o modo possível de vida para mulheres lésbicas. Também me deparo com a potência de mulheres que lutaram e lutam há muito tempo, que encontram força e ânimo para seguirem existindo e vivendo, abrindo espaço para tantas de nós.

Não foram poucas as que me disseram que suas vidas dariam um livro inteiro, e eu posso afirmar que foi o que senti ao ouvir cada uma. Foram contadas histórias sobre profissão, militância, amizade, relações familiares, maternidade, conquistas, viagens, desafios, enfrentamentos, mudanças, perdas, alegrias e tristezas. Também foram contadas histórias de amor e romance. Por isso não me fez sentido tentar homogeneizar suas narrativas. Também foi impossível dar conta de toda a singularidade inerente a cada uma delas. Levando todos esses aspectos em consideração, compreendendo as limitações na literatura e do contexto em que este trabalho foi produzido, não se pretende esgotar as discussões levantadas.

No curso destas narrativas, ainda há meandros invisíveis às produções acadêmicas que necessitam ser contemplados. Este trabalho foi construído através de perguntas. Ao me deparar com o fim desta escrita, desejo que estas palavras sigam através de mais e mais questionamentos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Juliane et al. Vulnerabilidade de mulheres que fazem sexo com mulheres às infecções sexualmente transmissíveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3809-3819, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n10/3809-3819/pt/>> Acesso em: 10 mai. 2021
- Bardin Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977
- BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?. **Psicologia & sociedade**, v. 17, n. 2, p. 21-25, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822005000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 20 nov. 2020
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes**, p. 5-58, 2002. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/racismo/racismo_institucional__cader_no_do_evento_bh_2014.pdf#page=5> Acesso em: 01 mai 2021
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>> Acesso em: 10 nov. 2020
- BRAZ, Juliana de Castro; BENEVIDES, Tânia Moura. Os desafios enfrentados pelas mulheres pretas lésbicas no mercado de trabalho em salvador sob uma perspectiva interseccional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5., 2018, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: SBEO, 2018. Disponível em: <<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/cbeo/anais2018/ARQUIVOS-resumos/GT1-55-70-20180718200059.pdf>> Acesso em: 05 jun 2021
- CANCIANI, Pamela Maiara Chaves. **Sapatão é resistência!** (In)visibilidade lésbica, identidade... E os direitos humanos?. 2019. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6278>> Acesso em: 26 nov. 2020
- Código de Ética Profissional do Psicólogo. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, agosto de 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2020
- DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 1, p. 05-28, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/PrCzqTS6tPt4W6FjBw8Zqzq/?lang=pt>> Acesso em: 19 mai. 2021

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling**: uma descrição dos métodos. 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/93246>> Acesso em: 16 nov. 2020

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Joyce Amorim; DE CARVALHO, Ana Rosa Rebelo Ferreira. Lesbianidade E Psicologia Na Contemporaneidade: Uma Revisão Sistemática. **Revista Gênero**, v. 20, n. 1, p. 135-156, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/38495/22068>> Acesso em: 15 nov. 2020.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

OLIVEIRA, Thaís Fernanda de Souza; DORONIN, Juliana de Af. A velhice como questão social, frente ao capitalismo. **Revista Longeviver**, 2017.

PASTORE, Elisabeth Passero. Psicologia e povos indígenas: reflexões iniciais sobre a participação do psicólogo na construção do plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena Kaxixó. In: Conselho Regional De Psicologia da 6ª Região – CRP. **Povos indígenas e psicologia**: A procura do bem-viver. São Paulo, 2016. p. 209-216. Disponível em: <https://www.crpssp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkrelBkTy0W.pdf> Acesso em: 10 jun 2021.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Clara Marques. Lesbocídio: o estudo dos crimes de ódio contra lésbicas no Brasil. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 10, p. 40-50, 2018. Disponível: <file:///D:/BEL/PSICOLOGIA%20-%20Unisinos/2020-02/Trabalho%20de%20conclus%C3%A3o%20de%20curso%20I/lesbocidio.pdf> Acesso em: 26 nov. 2020

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, p. 318-325, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89101995000400010&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 10 nov. 2020.

PRETTO, Ana Maria Ponzoni. **Mulheres e a psicologia: do que nos é comum**. 2019. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/198617/001099447.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20 out 2020.

RIBEIRO, Jaime; SOUZA, Francislê Neri de; LOBÃO, Catarina. Saturação da Análise na Investigação Qualitativa: Quando Parar de Recolher Dados?. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 10, 2018. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/213>> Acesso em: 15 nov. 2020.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas- Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>> Acesso em: 15 nov. 2020.

RUFINO, Andréa Cronemberger et al. Práticas sexuais e cuidados em saúde de mulheres que fazem sexo com mulheres: 2013-2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/ress/2018.v27n4/e2017499/>> Acesso em: 13 mai. 2021

SANTOS, José Victor De Oliveira et al. O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 38, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/5876>> Acesso em: 10 nov 2020.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 4, 2002. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>> Acesso em: 25 nov. 2020

VIEIRA, Kay Francis Leal; DE SOUSA MIRANDA, Rosane; DE LIMA COUTINHO, Maria da Penha. Sexualidade na velhice: um estudo de representações sociais. **Psicologia e Saber social**, v. 1, n. 1, p. 120-128, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/3250>> Acesso em: 25 out 2020.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, lhe convidamos a participar de uma pesquisa que está sendo realizada pela graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Isabel Ferreira, sob orientação da Professora Dra. Cristiane Knijnik, intitulada “Existências e Resistência: Narrativa de mulheres lésbicas na velhice”. Para tanto, necessitamos do seu consentimento.

O objetivo da presente pesquisa é possibilitar a escuta da realidade de mulheres lésbicas na velhice, a fim de aproximar suas demandas específicas das produções acadêmicas na psicologia e discutir a construção de políticas públicas adequadas a essa população. Sendo uma temática ainda pouco estudada, entende-se a importância de abrir espaço para estas discussões e para tal, necessita-se ouvir as histórias destas mulheres. Deste modo, a pesquisadora realizará entrevista semi-estruturada com as participantes que assim desejarem de forma espontânea. As conversas serão gravadas para uso exclusivo da pesquisadora para a análise de dados.

A sua identidade será preservada em todos os momentos da pesquisa, tendo nome e quaisquer dados que possibilite a identificação alterados na escrita do trabalho. Esta pesquisa possui um risco mínimo aos seus participantes, tais como algum desconforto durante a realização da entrevista. Caso isto ocorra, você poderá informar a pesquisadora. Se em algum momento você decidir interromper a sua participação na pesquisa, esse direito estará assegurado, em qualquer período de tempo, sem prejuízo algum, caso essa ação seja necessária. Não haverá benefícios nem prejuízos de caráter econômico a nenhum dos envolvidos na pesquisa, sendo elas pesquisadoras ou participantes. Compreende-se como principal benefício desta pesquisa, a ampliação de espaços onde seja possível discutir e problematizar as questões referentes às temáticas de mulheres lésbicas na velhice.

Estamos à sua disposição para esclarecer possíveis dúvidas a respeito da pesquisa pelo telefone (51) 98275-7434 e e-mail bell-fs@hotmail.com e também com a professora Cristiane Knijnik pelo telefone (51) 99567-9740 e email cristianeknijnik@unisinobr.

Solicitamos a sua autorização para a realização do estudo e para produção de pesquisa a partir do material coletado. Caso aceite, assine ao final deste

documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizada de forma alguma.

Agradecemos desde já sua atenção!

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu _____
, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui informada sobre a pesquisa e seus procedimentos e, todos os dados a seu respeito não deverão ser identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento.

Assinatura da participante

Isabel Ferreira - Pesquisadora

Cristiane Knijnik – Professora orientadora da pesquisa

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como é sua rotina?
2. Com quem mora e convive?
3. Está atualmente em uma relação amorosa?
4. Como foi o processo de se entender como uma mulher lésbica?
5. Fala abertamente sobre sua orientação sexual?
6. Sente a necessidade de esconder sua identidade em algum espaço específico?
7. Já sofreu algum tipo de violência em decorrência de sua orientação sexual?
8. Qual sua percepção sobre sua saúde mental?
9. Já teve algum contato com a psicologia?
10. De que forma a psicologia pode atuar em benefício das mulheres lésbicas?
11. O que é resistência para ti?